

Comportamentos autolesivos em adolescentes e apego parental: uma revisão de escopo

Self-harm behaviors in adolescents and parental attachment: A scope review

*Autolesión en adolescentes y apego parental:
una revisión del alcance*

*Lucas Miranda Parente de Araújo¹
Isabela Pizzarro Rebessi²
Carmem Beatriz Neufeld³*

Resumo

O objetivo desta revisão de escopo foi investigar as relações entre comportamentos autolesivos na adolescência e o apego entre pais e filhos. Para isso, foram incluídos artigos relacionados com o tema em inglês, português e espanhol publicados em qualquer período, com amostras entre 10 e 19 anos. Foram excluídos estudos em que a autolesão estava relacionada com transtornos de neurodesenvolvimento; não puderam ser recuperados; eram estudos de caso, revisão de literatura ou artigos teóricos. As buscas foram feitas em seis bancos de dados (Embase, Lilacs, PubMed, PsycNET, SciELO, Web of Science) e resultaram na seleção de 13 artigos. Para extrair e analisar os resultados, foi elaborado e preenchido um instrumento de coleta de dados com informações gerais sobre a publicação dos artigos, objetivos, metodologias, amostras, resultados, conclusões e um checklist para avaliar a qualidade e vieses das evidências. Os dados foram categorizados, discutidos e uma matriz de síntese foi elaborada.

¹ Universidade de São Paulo, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-9504-621X>. E-mail: lucasmp.araujo@gmail.com

² Universidade de São Paulo, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-5921-8536>. E-mail: isabela.rebessi@alumni.usp.br

³ Universidade de São Paulo, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1097-2973>. E-mail: cbneufeld@usp.br

Esta revisão identificou consistentes relações diretas ou mediadas entre o comportamento autolesivo na adolescência e o apego parental, ainda que os caminhos estatísticos desta relação e as influências relacionadas ao gênero não estejam claros.

Palavras-chave: Adolescente; Autolesão; Comportamento Autodestrutivo; Apego; Relação Parental.

Abstract

The objective of this scope review was to investigate the relationships between self-harm behaviors in adolescence and attachment between parents and children. For this, articles related to the theme in english, portuguese and spanish; published in any period, with samples between 10 and 19 years old were included. Studies that associated self-harm with neurodevelopmental disorders; were case studies, literature reviews, theoretical articles or couldn't be retrieved were excluded. Searches were conducted in six databases (Embase, Lilacs, PubMed, PsycNET, SciELO, Web of Science) and resulted in the selection of 13 articles. To extract and analyze the results, a data collection instrument was prepared and filled with general information about the publication of the articles, objectives, methodologies, samples, results, conclusions and a checklist to assess the quality and biases of the evidence. Data were categorized, discussed and a synthesis matrix was created. This review consistently identified direct or mediated relationships between self-harm behavior in adolescence and parental attachment, although the statistical pathways of this relationship and gender-related influences are unclear.

Keywords: Adolescente; Self-Harm; Self-Injurious Behavior; Attachment; Parenting.

Resumen

El objetivo de esta revisión de alcance fue investigar las relaciones entre las conductas autolesivas en la adolescencia y el apego entre padres e hijos. Para ello, se incluyeron artículos relacionados con el tema en inglés, portugués y español publicados en cualquier período, con muestras entre 10 y 19 años. Se excluyeron los estudios en los que las autolesiones estaban relacionadas con trastornos del neurodesarrollo; no pudieron ser recuperados; eran estudios de casos, revisión de literatura o artículos teóricos. Las búsquedas se realizaron en seis bases de datos (Embase, Lilacs, PubMed, PsycNET, SciELO, Web of Science) y dieron como resultado la selección de 13 artículos. Para extraer y analizar los resultados se elaboró y completó un instrumento de recolección de datos con información general sobre la publicación de los artículos, objetivos, metodologías, muestras, resultados, conclusiones y una lista de cotejo para evaluar la calidad y sesgos de la evidencia. Los datos fueron categorizados, discutidos y se creó una matriz de síntesis. Esta revisión identificó consistentemente

relaciones directas o mediadas entre las conductas autolesivas en la adolescencia y el apego de los padres, aunque las vías estadísticas de esta relación y las influencias relacionadas con el género no están claras.

Palavras clave: Adolescente; Autolesión; Conducta Autodestructiva; Apego; Parentalidad.

A Organização Mundial da Saúde define adolescência como um período entre 10 e 19 anos de idade (World Health Organization [WHO], 2023), pois considera a idade como a forma mais adequada para avaliar e comparar mudanças biológicas em relação às mudanças sociais, as quais são mais influenciadas por fatores do ambiente sócio-cultural (WHO, 2020). Apesar de haver variação internacional, a prevalência média de comportamentos autolesivos entre adolescentes é de 16% (Farkas et al., 2024). Esses comportamentos, com ou sem intenção suicida, caracterizam um problema de saúde pública com diversas consequências individuais e sociais (Fliege et al., 2009; Guerreiro & Sampaio, 2013; Knipe et al., 2022), sendo o suicídio a terceira maior causa de morte entre pessoas de 15 a 29 anos no mundo em 2021 (WHO, 2025). A idade média de início dos comportamentos autolesivos é de aproximadamente 13 anos (Gillies et al., 2018), com uma prevalência entre adolescentes significativamente maior em relação aos adultos (Lim et al., 2019).

Um estudo com adolescentes entre 12 e 15 anos indicou aumento de comportamentos autolesivos após a puberdade (Patton et al., 2007), o que posteriormente foi corroborado pelo estudo de Roberts et al. (2020), que encontrou correlação entre início precoce da puberdade e uma maior frequência de autolesões. Essa associação pode ser atribuída à relação entre esse fenômeno biológico e fatores de risco associados, como sintomas depressivos, atividade sexual e uso de substâncias (Patton et al., 2007). Evidências adicionais apontam que meninas apresentam maior frequência de fatores de risco (Reis et al., 2020) e de comportamentos autolesivos em comparação com meninos (Farkas et al., 2024), o que também ocorre com adolescentes da comunidade LGBT+ em comparação com adolescentes heteronormativos (Williams et al., 2021).

Não há consenso na literatura em relação à nomenclatura de comportamentos de autolesão, de modo que diferentes termos são usados para referir-se ao mesmo fenômeno (Farkas et al., 2024; Fliege et al., 2009; Gratz, 2003; Guerreiro & Sampaio, 2013). Apesar da dificuldade em distinguir comportamentos autolesivos e tentativas de suicídio, por frequentemente apresentarem semelhanças e intenções ambíguas, faz-se importante definir estes termos quando possível (Gratz, 2003). A relevância dessa distinção é apoiada por estudos posteriores à revisão de Gratz (2003), que identificaram variações nos resultados conforme a definição adotada (Farkas et al., 2024).

A literatura científica sobre comportamentos autolesivos indica que eles frequentemente desempenham a função regulação emocional e evitação experiencial (Brereton & McGlinchey, 2020; Gratz, 2003), como tensão, ansiedade ou autocensura. Frequentemente são relatadas sensações imediatas de alívio durante o processo, de forma que o comportamento pode inclusive estar associado a um senso de urgência ou fissura parecida com adição (APA, 2014). Contudo, é provável que muitos indivíduos não tenham plena consciência da função deste comportamento ou das emoções que os antecedem (Gratz, 2003). A autolesão não suicida inicia-se frequentemente no início da adolescência e pode repetir-se por muitos anos (APA, 2014; Gillies et al., 2018; Lim et al., 2019). Sabe-se que diversos problemas enfrentados na adolescência, incluindo comportamentos autolesivos, apresentam relações significativas com o contexto familiar (Cook et al., 2023).

O ambiente familiar constitui um preditor significativo da adaptação social e do desenvolvimento de adolescentes (Kurock et al., 2022, Wong et al., 2021). Diversos estudos evidenciaram que a relação entre pais ou cuidadores primários está correlacionada com o desenvolvimento de comportamentos autolesivos (Balan et al., 2017; Dorol & Mishara, 2021; Liu et al., 2020; Madjar et al., 2018; O'Connor et al., 2009; Santens et al., 2018). A revisão sistemática de Fong et al. (2022) corrobora com esses resultados e encontrou correlações entre práticas parentais e comportamento autolesivo em estudos com amostras entre 10 e 25 anos. Todavia, este estudo excluiu artigos que investigaram o apego parental e buscaram apenas por artigos publicados em inglês.

O apego pode ser definido como um mecanismo social biologicamente programado de autopreservação, sua formação é resultado de complexas interações de capacidades cognitivas e emocionais da criança com fatores ambientais relacionados às respostas dos cuidadores. Um apego seguro é formado quando o cuidador responde de maneira consistente aos estados emocionais da criança e promove uma base segura para exploração do ambiente, enquanto a ausência ou inconsistência de respostas está relacionada com formas desorientadas de apego (Bowlby, 1969). A partir dos cuidados que recebeu, a criança desenvolve um modelo interno de funcionamento que é posteriormente generalizado e influencia suas expectativas e interpretações sobre si, sobre os outros e sobre o mundo, o que impacta em seu desenvolvimento e personalidade (Dalmat & Dell'Aglio, 2005).

A revisão de literatura de Woo et al. (2020) investigou a relação entre apego e comportamento autolesivo, mas não fez distinção entre crianças e adolescentes na apresentação e análise de seus resultados, de modo que não foram encontradas revisões sobre o assunto que focaram na adolescência especificamente. Novamente foram incluídos apenas estudos publicados em inglês (Woo et al., 2020).

Dado o estado da arte apresentado sobre a relação entre apego parental e comportamento autolesivo, a hipótese desta revisão é de que a qualidade do apego parental está associada com uma maior ou menor probabilidade do desenvolvimento da autolesão na adolescência. Esta revisão justifica-se pela necessidade de investigar os impactos do apego especificamente quanto à adolescência, dado que essa fase do desenvolvimento pode desempenhar papel central na compreensão dos fatores etiológicos da ANS. Adicionalmente, nota-se a necessidade de que sejam realizadas revisões sistematizadas em que sejam incluídos estudos não só em inglês.

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar possíveis relações entre comportamentos autolesivos na adolescência e o apego entre pais e filhos. Os objetivos específicos foram (1) possibilitar a geração de novos conhecimentos, pautados nos resultados apresentados por estudos anteriores; (2) analisar criticamente os resultados apontados pela literatura; (3) sintetizar as evidências científicas disponíveis sobre o tema pesquisado, bem como

(4) identificar as metodologias utilizadas e os tipos de evidências disponíveis; (5) apresentar indicações para pesquisas e intervenções futuras e (6) lacunas de conhecimento.

MÉTODO

Dados os objetivos de caráter exploratório e descritivo desta pesquisa, foi realizada uma revisão de escopo, a qual é uma abordagem metodológica sistematizada que permite a síntese do conhecimento científico sobre o tema estudado, a partir da inclusão de estudos experimentais e não-experimentais, bem como de pesquisas teóricas e empíricas (Peters et al., 2020).

Inicialmente, foi construída uma pergunta de pesquisa a partir da estratégia SPIDER, acrônimo para *Sample* (amostra), *Phenomenon of Interest* (fenômeno de interesse), *Desing*, *Evaluation* (avaliação) e *Research type* (tipo de pesquisa). Esta ferramenta é equivalente à estratégia PICO, mas utilizada para perguntas de pesquisa qualitativas (Cooke et al., 2012). A definição desses cinco elementos foi realizada (Tabela 1) para delimitar e possibilitar uma rápida recuperação das melhores evidências científicas disponíveis tanto em estudos quantitativos, quanto qualitativos ou mistos, bem como definir os critérios de inclusão e exclusão desta revisão.

Tabela 1. Resultado da estratégia SPIDER

Acrônimo	Definição	Descrição
S	Amostra	Adolescentes entre 10 e 19 anos; com contato com pelo menos um dos pais ou um cuidador principal; sem transtornos do neurodesenvolvimento relacionados com a emissão de comportamentos autolesivos.
P	Fenômeno de interesse	Relações entre comportamento autolesivo emitido pelos adolescentes e o apego parental.
D	Desing	Qualquer tipo de delineamento de pesquisa, com exceção de estudos de caso e revisões de literatura.
E	Avaliação	Comportamento autolesivo; manutenção ou interrupção de comportamentos autolesivos, bem como suas características (tais como: maior frequência, tipo de comportamento autolesivo, etc.); qualidade do apego parental e seus tipos.
R	Tipo de Pesquisa	Estudos quantitativos, qualitativos ou mistos.

A partir da estratégia supracitada, foi definida a pergunta de pesquisa: “Qual a relação de comportamentos autolesivos na adolescência e o apego desenvolvido entre pais e filhos?”. Foram incluídos artigos que responderam a essa questão; publicados em qualquer ano em inglês, português ou espanhol. Outro critério de seleção foi a presença de uma amostra de adolescentes entre 10 e 19 anos que tinham contato com pelo menos um dos pais ou cuidador principal. Foram excluídos estudos em que o comportamento autolesivo estava relacionado com transtornos de neurodesenvolvimento dos adolescentes; que não puderam ser recuperados; ou que consistiam em estudos de caso, revisões de literatura ou artigos teóricos.

Para a seleção dos descritores utilizados na estratégia de busca, foi utilizado o vocabulário estruturado e multilíngue de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e palavras-chave encontradas em revisões de literatura já publicadas sobre comportamento autolesivo. Esta etapa resultou na seleção das seguintes palavras-chave: (“Comportamento Autodestrutivo” OR “autolesão” OR “Self-Injurious Behavior” OR “self-injur*” OR “Self-harm” OR “Conducta Autodestructiva”) AND (“Vínculo” OR “Apego” OR “práticas educativas” OR “poder familiar” OR “parenting” OR “parenting style” OR “responsabilidad parental” OR “Attachment” OR “Bond”) AND (“Adolescente” OR “Adolescent”). Esta *string* foi utilizada em pesquisas nos campos de busca de títulos e resumos dos seguintes bancos de dados: Embase, Lilacs, PubMed, PsycNET, SciELO, Web of Science, dada sua reconhecida importância científica e abrangência de literatura nacional e internacional. Todas as buscas foram realizadas a partir da conexão ao Virtual Private Network da Universidade de São Paulo, por permitir maior acessibilidade aos textos buscados. Esta pesquisa foi realizada nos bancos de dados em agosto de 2022.

Inicialmente, foi realizada uma pré-seleção dos artigos a partir da leitura do título e resumo de todos os estudos recuperados com a estratégia previamente descrita. Os artigos que cumpriram os critérios da revisão foram selecionados para a próxima fase da revisão, na qual foram lidos integralmente por dois pesquisadores. A partir dessa leitura, os autores selecionaram de forma independente os artigos para composição desta

revisão, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão apresentados. Em seguida, foi discutida a inclusão ou exclusão dos artigos em que inicialmente não houve concordância com uma terceira pesquisadora.

Os artigos selecionados nesta última etapa foram criticamente avaliados e seus conteúdos foram sistematizados. Para garantir a extração e organização de todos os dados relevantes para este estudo, de modo que pudessem ser checados de forma eficiente, foi elaborado um instrumento de coleta de dados composto por itens relativos a: informações sobre a publicação dos artigos, objetivos, metodologias, amostras, resultados, conclusões e um checklist para avaliação a qualidade e vieses das evidências. Este instrumento foi preenchido para cada um dos artigos selecionados e posteriormente fundamentou a produção de uma matriz de síntese dos resultados (Tabela 2), a fim de apresentar informações relevantes da pesquisa de forma explícita.

Na última etapa da pesquisa, os conteúdos dos estudos selecionados foram analisados a partir de categorias de análise: (1) correlações diretas e (2) correlações mediadas; (3) diferenças entre as relações do apego de pais e de mães com o comportamento autolesivos dos adolescentes; (4) a possível influência do apego parental em meninos e meninas de maneiras distintas; (5) características metodológicas dos estudos (língua, definição de comportamento autolesivo, amostra, método). Os resultados destas categorias foram apresentados e discutidos.

Por se tratar de uma revisão de literatura, não houve necessidade de submeter esta pesquisa a um Comitê de Ética em Pesquisa.

RESULTADOS

Foram recuperadas 993 publicações nos bancos de dados utilizados, após a exclusão de trabalhos duplicados e aplicação de filtros automáticos (de língua e campo de pesquisa), foram selecionados 238 artigos para a leitura de seus títulos e resumos. Destas publicações, foram eleitas 26 para leitura integral, das quais 13 foram excluídas, o que resultou em uma inclusão de 13 artigos para a composição da revisão. Essas informações estão apresentadas, a partir do método PRISMA (Page et al., 2021), na Figura 1.

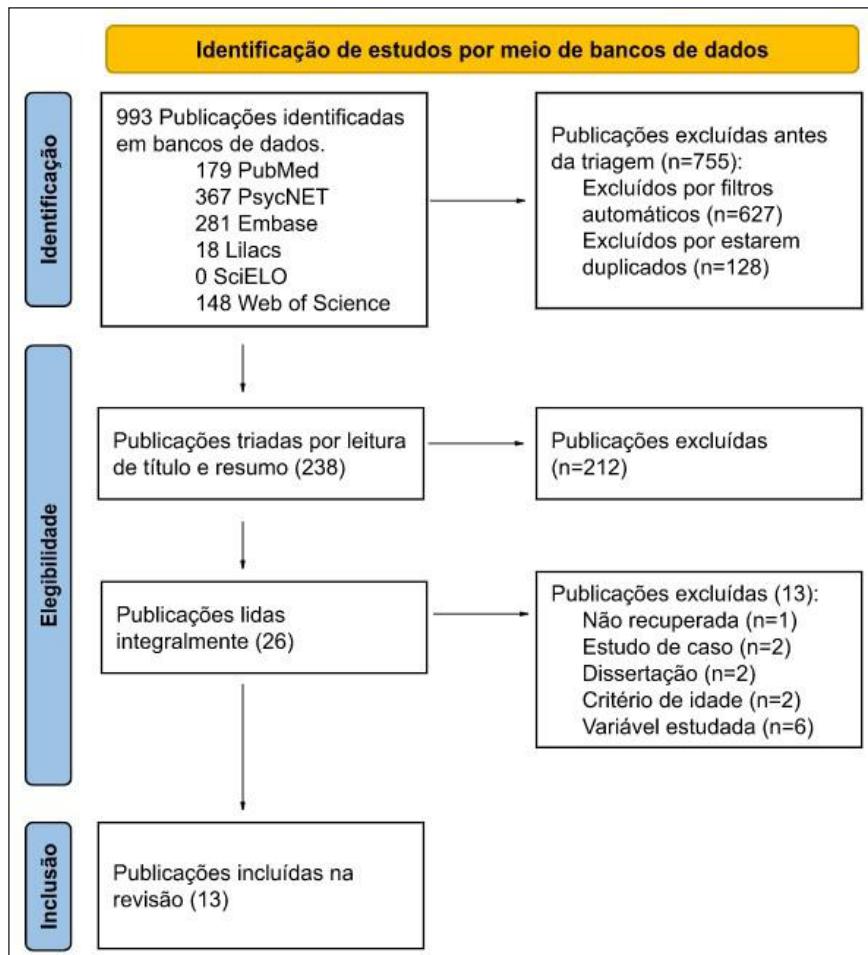


Figura 1. Fluxograma PRISMA do processo de triagem dos artigos.

Embora tenham sido empregadas palavras-chave em inglês, português e espanhol, foram selecionados apenas artigos publicados em inglês e nenhum foi realizado em contexto latino-americano.

Todos os artigos encontraram alguma correlação entre o apego parental e o comportamento autolesivo. Doze estudos encontraram correlações diretas (Cerutti et al., 2018; Glazebrook , Townsend, & Sayal, 2015; Martin & Waite, 1994; Jiang et al., 2017; Lee, 2016; Santangelo et al. 2016; Tao et al., 2020; Tatnell et al., 2013; Tatnell et al., 2016; Victor et al., 2019; Wang et al., 2019; Wichstrøm, 2009), sendo que apenas uma pesquisa fez

esta investigação e não encontrou correlação (Cassels et al., 2019). Cinco pesquisas apresentaram correlações mediadas: problemas comportamentais, mas não problemas emocionais, mediou a relação longitudinal entre apego ansioso e evitativo com a autolesão (Cassels et al., 2019); dificuldade em descrever e identificar sentimentos mediou a relação entre qualidade do apego e comportamentos autolesivos (Cerutti et al., 2018); autocompaição mediou a relação entre a dimensão de proximidade do apego parental e autolesões (Jiang et al., 2017); emoções negativas mediaram separadamente e também em série com o estilo de enfrentamento emocional a relação entre apego e o comportamento autolesivo (Tao et al. 2020); autoestima, autoeficácia e reavaliação cognitiva mediaram parcialmente a relação entre apego inseguro e a ocorrência de comportamentos autolesivos (Tatnell et al., 2013).

Em relação à definição do comportamento autolesivo adotado pelos estudos, apenas dois estudos pesquisaram esse comportamento sem fazer distinção quanto à presença ou ausência de intencionalidade suicida (Glazebrook et al., 2015; Martin & Waite, 1994). Entre os estudos selecionados, seis artigos utilizaram procedimentos transversais, enquanto sete foram estudos longitudinais e nenhum produziu estudos experimentais (Tabela 2). Além disso, apenas dois estudos utilizaram metodologias alternativas a questionários de autorrelato para a coleta de dados das variáveis relativas a esta revisão, foram eles Victor et al. (2019) e Glazebrook et al. (2015), os quais realizaram entrevistas para avaliar comportamento autolesivo e apego, respectivamente.

Tabela 2. Caracterização dos estudos selecionados

Referência	Característica da amostra	N	Idade	Gênero (%)	Método
Cassels et al. (2019).	Não-probabilística.	559	13-14	58.9 feminino; 41.1 masculino.	Longitudinal (1 ano).
Cerutti et al. (2018).	Não-probabilística; recrutados em duas escolas italianas.	709	10-15	49.6 feminino; 50.4 masculino.	Transversal.
Glazebrook et al. (2015)	Não-probabilística. Composta por adolescentes encaminhados a serviços de saúde mental.	49	13-17	94 feminino; 6 masculino.	Longitudinal (6 meses).
Jiang et al. (2017)	Não-probabilística, selecionada em uma escola chinesa.	558	11-16	40.1 feminino; 59.9 masculino.	Transversal.
Lee (2016)	Não-probabilística, selecionada em escola de ensino fundamental	784	13-15	48.8 feminino; 51.2 masculino.	Transversal.
Martin & Waite (1994).	Probabilística, composta por estudantes de escolas públicas australianas.	681	14-18	43.9 feminino; 56.1 masculino.	Transversal.
Santangelo et al. (2016).	Não-probabilística. Recrutados em ambulatório especializado em comportamento de Grupo controle convidado por anúncios.	46	13-18	Apenas feminino.	Longitudinal (9 dias).
Tao et al. (2020).	Probabilística, proveniente de escolas chinesas.	662	13-18	53.3 feminino; 46.7 masculino.	Transversal.
Tatnell et al. (2016).	Probabilística, recrutados em escolas australianas.	1424	12-15	68 feminino; 32 masculino.	Longitudinal (2 anos).
Tatnell et al. (2013).	Não-probabilística, recrutada em escolas austríacas.	1973	12-18	72 feminino; 28 masculino.	Longitudinal (1 ano).
Victor et al. (2019).	Probabilística estratificada, extraída de estudo anterior.	2117	13-17	Apenas masculino.	Longitudinal (1 ano).
Wang et al. (2019).	Não-probabilística, proveniente de escolas rurais chinesas incluindo adolescentes deixados por mais que emigraram.	1110	14.36 (+1.81) ^a	49.9 feminino; 50.1 masculino.	Transversal.
Wichstrøm (2009).	Probabilística e representativa de estudantes de Ensino Médio da Noruega.	2923	14-19	56 feminino; 44 masculino.	Longitudinal (5 anos).

^a O estudo de Wang et al. (2019) não apresentou as idades mínimas e máximas de sua amostra, de modo que foi apresentada na tabela a idade média e o desvio padrão entre parênteses.

A medida de avaliação de apego usada mais vezes, em cinco estudos (Cerutti et al., 2018; Jiang et al., 2017; Tao et al., 2020; Victor et al., 2019; Wang et al., 2019), foi o instrumento original ou versões revisadas do Inventory of Parent and Peer Attachment (Armsden & Greenberg, 1987). O segundo instrumento mais frequente, aplicado em três estudos (Lee, 2016; Martin & Waite, 1994; Wichstrøm, 2009), foi o Parental Bonding Instrument (Parker et al., 1979). O Self-Harm Behaviour Questionnaire (Gutierrez et al., 2001) foi aplicado em dois estudos (Tatnell et al., 2016; Tatnell et al., 2013). Uma pesquisa (Santangelo et al., 2016) utilizou o Multidimensional Mood Questionnaire (Wilhelm & Schoebi 2007) para a produção de diários eletrônicos nos contextos cotidianos dos participantes. O questionário Experiences in Close Relationships – Revised Child (Brenning et al., 2011) foi utilizado apenas por Cassels et al. (2019), bem como a entrevista semi-estruturada The Child Attachment Interview (Target et al., 2003), que foi aplicada no estudo de Glazebrook et al. (2015).

Três estudos avaliaram apenas o apego materno (Cassels et al., 2019; Glazebrook et al., 2015; Santangelo et al. 2016), enquanto os outros avaliaram de ambos os cuidadores ou um escolhido pelos próprios adolescentes.

Em relação às amostras, cinco foram compostas por amostras probabilísticas, enquanto oito fizeram uma seleção não-probabilística. Entre os estudos, dois eram de amostras exclusivamente femininas e onze eram compostos por amostras mistas. Todavia, entre os estudos de amostras mistas, três tiveram amostras femininas hiper representadas (94%, 72% e 68%; ver Tabela 2).

Notou-se que nenhum dos estudos selecionados investigou a percepção dos pais ou realizou observações de interações durante a coleta de dados, de modo que investigaram exclusivamente a percepção dos adolescentes. Seis estudos avaliaram se o apego paterno e materno apresentavam correlações diferentes em relação ao comportamento autolesivo. Entre eles, apenas o de Lee (2016) não encontrou diferenças significativas. Na pesquisa de Jiang et al. (2017), apenas a dimensão de proximidade do apego paterno apresentou uma correlação direta com o comportamento autolesivo, enquanto a autocompaixão mediou a relação de ambos os pais.

Tao et al. (2020) encontraram que o estilo de enfrentamento emocional dos adolescentes mediou apenas a relação entre apego pai-filho, enquanto as outras relações mediadas encontradas foram as mesmas para apego pai-filho e mãe-filho. Também foram observados diferentes efeitos do apego mãe-filho em relação à autolesão de acordo com diferentes padrões de migração dos pais (Wang et al., 2019).

Entre os artigos selecionados, apenas o estudo de Martin e Waite (1994) investigou se o apego parental impacta meninos e meninas de formas diferentes. Seus resultados indicaram diferenças em relação às dimensões de apego mais significativas quando a amostra foi dividida entre meninos e meninas: entre os meninos, a proteção paterna foi a variável mais significativa e o cuidado paterno foi a segunda; entre as meninas a primeira foi o cuidado materno, enquanto o cuidado paterno foi a segunda variável mais significativa. Além disso, não foi encontrada correlação entre a dimensão de proteção paterna e o comportamento autolesivo em meninas, mas sim em meninos (Martin & Waite, 1994).

DISCUSSÃO

O objetivo desta revisão de escopo foi investigar possíveis relações entre comportamentos autolesivos na adolescência e o apego entre pais e filhos. Para isso, foi elaborada uma estratégia de busca sistematizada que resultou na inclusão de treze artigos, com metodologias e objetivos diversos. Estes resultados foram consistentes em apresentar relações diretas entre as variáveis (Cerutti et al., 2018; Glazebrook et al., 2015; Martin & Waite, 1994; Jiang et al., 2017; Lee, 2016; Santangelo et al. 2016; Tao et al. 2020; Tatnell et al., 2013; Tatnell et al., 2016; Victor et al. 2019; Wang et al., 2019; Wichstrøm, 2009), com exceção de um estudo (Cassels et al., 2019). Faz-se necessário considerar que o estudo de Cassels et al. (2019) avaliou a ocorrência de comportamentos autolesivos por meio de uma única pergunta direta. Ademais, sua amostra incluiu apenas 23 de adolescentes que se autolesionavam na primeira coleta e 26 na segunda, o que limita a generalização resultados encontrados. Não obstante, as relações encontradas

estão de acordo com a revisão de Woo et al. (2020), realizada com amostras compostas por crianças e adolescentes, na qual foram encontradas evidências de que o apego está relacionado com autolesão não suicida.

Os resultados também indicaram que a relação entre apego parental e comportamentos autolesivos foi mediada por outras variáveis. Foram eles: problemas comportamentais, mas não problemas emocionais (Cassels et al., 2019); dificuldade em descrever e identificar sentimentos (Cerutti et al., 2018); autocompaição (Jiang et al., 2017); emoções negativas mediaram separadamente e também em série com o estilo de enfrentamento emocional a relação de apego de ambos os pais com a autolesão, enquanto enfrentamento emocional mediou apenas a relação do apego paterno (Tao et al. 2020); autoestima, autoeficácia e reavaliação cognitiva (Tatnell et al., 2013). Ainda que o estudo de Cassels et al. (2019) não tenha encontrado correlação mediada por problemas emocionais — caracterizados por sintomas de diagnósticos depressivos, fóbicos e ansiosos, de acordo com o instrumento utilizado na pesquisa (Goodman, 2001) — os resultados encontrados nesta revisão indicam relações mediadas por fatores comportamentais, emocionais, de autopercepção e cognitivos.

Estes achados estão de acordo com a literatura sobre a multifatorialidade do comportamento autolesivo, o qual está relacionado com complexas interações genéticas, biológicas, psicológicas, psiquiátricas, sociais e culturais (Hawton et al., 2012; Reis et al., 2020). Pesquisas futuras devem continuar explorando correlações mediadas entre apego e o comportamento autolesivo para uma melhor compreensão e intervenção sobre essas relações.

Outra categoria de análise desta revisão foram as diferenças entre as relações do apego de pais e de mães com o comportamento autolesivo dos adolescentes. Como apresentado, quatro dos cinco estudos que realizaram esta análise encontraram diferenças entre os caminhos estatísticos pelos quais as relações do apego paterno e materno influenciam o comportamento autolesivo de adolescentes (Jiang et al., 2017; Tao et al., 2020; Wang et al., 2019; Martin & Waite, 1994), de modo que essas evidências podem

fundamentar a hipótese de que o apego paterno e o materno desempenham diferentes funções em relação ao comportamento autolesivo (Jiang et al., 2017; Tao et al., 2020).

Entretanto, diferenças de gênero no desenvolvimento do apego foram pouco exploradas em pesquisas anteriores, possivelmente porque inicialmente Bowlby apresentou o apego como um sistema inato de sobrevivência da espécie, de modo que seria esperado que se desenvolvesse de forma semelhante independentemente do sexo (Scheidt & Waller, 2007, como citado em Gomes, 2011, p. 84). A extensa revisão conduzida por Gomes (2011), por exemplo, identificou apenas um estudo que investigou diferenças de gênero no desenvolvimento das relações de apego. Diante desses poucos dados, é importante que a hipótese de que o apego paterno e o materno tenham diferentes funções seja interpretada com cautela e hipóteses alternativas sejam investigadas. Uma explicação alternativa a ser estudada seria a de que adolescentes desenvolvem, de acordo com o contexto cultural em que estão inseridos, expectativas diversas sobre a relação com pais e mães (Dattilio, 2011), o que poderia impactar tanto a vivência subjetiva das relações de apego quanto a própria relação entre apego e a autolesão. Além disso, papéis de gênero podem influenciar as formas pelas quais pais e mães se relacionam com seus filhos (Sampaio & Vieira, 2010). Assim, os resultados observados não necessariamente indicam funções diferentes do apego paterno e materno, mas refletem dinâmicas complexas entre a relação parental e o comportamento autolesivo.

Apenas um artigo dividiu a amostra de adolescentes por gênero, seus resultados apresentaram diferenças entre as relações de apego mais significativas para meninos e meninas em relação ao comportamento autolesivo, bem como diferentes correlações diretas (Martin & Waite, 1994). Isto evidencia novamente a escassez de evidências científicas que permitem a compreensão das diferenças de gênero e apego em relação ao comportamento autolesivo. Pesquisas futuras devem investigar como expectativas culturais, papéis de gênero e relações de apego interagem com o comportamento autolesivo.

Outro ponto a ser considerado é a circularidade e reciprocidade dos relacionamentos familiares, dado que as interações entre seus componentes

compõe uma estrutura inter-relacionada de expectativas, crenças e atribuições, na qual o comportamento de um componente, impacta todo o sistema (Friedberg, 2006; Dattilio, 2011). Entretanto, nenhum estudo incluído nesta revisão avaliou a perspectiva dos pais. Mostra-se imprescindível que também ocorram investigações neste sentido, dado que não é razoável presupor um sentido único do apego parental sobre o comportamento autolesivo na adolescência, mas sim um complexo sistema de inter-relações entre seus componentes, no qual o comportamento dos adolescentes também impacta as práticas parentais.

Os resultados encontrados e sistematizados nesta revisão devem ser avaliados considerando os métodos utilizados nas pesquisas. A coleta de dados dos estudos selecionados foi preponderantemente realizada pela aplicação de questionários de autorrelato e investigou apenas a percepção dos adolescentes sobre as variáveis. Esses estudos baseiam suas conclusões inteiramente nos relatos verbais dos participantes, o que indica que devem ser compreendidos criticamente, dado que o comportamento dos sujeitos nem sempre é coerente com suas respostas, o que ocorre por diversos fatores, como desejabilidade social. Diante disso, uma abordagem multimétodos seria importante para minimizar possíveis problemas na compreensão dos comportamentos e processos mentais avaliados (Shaughnessy et al., 2015), dado que a compreensão de um fenômeno só pode ser alcançada a partir da aplicação de múltiplos métodos de estudo, experimentais e não experimentais (Cozby, 2003). A observação direta seria um exemplo de metodologia adicional para produzir evidências convergentes ou não com os resultados encontrados nos questionários (Shaughnessy et al., 2015).

Vale ressaltar ainda que dois dos estudos selecionados não diferenciaram o comportamento autolesivo com e sem intenção suicida (Glazebrook et al., 2015; Martin & Waite, 1994). Diante das importantes diferenças entre comportamentos autolesivos e comportamentos suicidas (Adrian et al., 2018), faz-se necessário que seus resultados sejam considerados com diligência.

Ademais, percebe-se uma significativa lacuna de conhecimentos sobre a relação entre apego parental e comportamentos autolesivos na adolescência publicados em português ou espanhol, bem como a ausência

desses estudos em contexto latino-americano. Este resultado é especialmente importante pelas evidências de que existem diferenças culturais que impactam a relação pais-filhos em relação ao comportamento autolesivo (Lansford, 2022).

Dada a ausência de estudos experimentais identificados, pesquisas futuras devem buscar preencher essa lacuna. Estas intervenções podem se basear nos achados desta revisão, mais especificamente nas variáveis mediadoras da relação entre apego parental e o comportamento autolesivo. Isto é reforçado pela importância da elaboração de intervenções que envolvam os pais a fim de manejar a ocorrência de comportamentos autolesivos (Cassels et al., 2019; Jiang et al., 2017; Tatnell et al., 2013). Hipotetiza-se que estas intervenções poderiam atingir este objetivo por meio da construção de modelos de trabalho seguros e positivos de auto-estima (Tatnell et al., 2013); do aumento do nível de autocompaição dos adolescentes (Jiang et al., 2017); da redução de problemas comportamentais (Cassels et al., 2019); do desenvolvimento de habilidades de resolução de problemas (Glazebrook et al., 2015) e do aumento da capacidade dos adolescentes entenderem e reconhecerem seus próprios sentimentos (Cerutti et al., 2018), entre outros fatores possivelmente ainda não estudados.

REFERÊNCIAS

- Adrian, M., Berk, M. S., Korslund, K., Whitlock, K., McCauley, E., & Linehan, M. (2018). Parental validation and invalidation predict adolescent self-harm. *Professional psychology: research and practice*, 49(4), 274. <https://doi.org/10.1037/pro0000200>
- American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Artmed Editora.
- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The inventory of parent and peer attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of youth and adolescence*, 16(5), 427–454. <https://doi.org/10.1007/BF02202939>

- Balan, R., Dobrea, A., Roman, G. D., & Balazsi, R. (2017). Indirect effects of parenting practices on internalizing problems among adolescents: The role of expressive suppression. *Journal of Child and Family studies*, 26, 40–47. <https://doi.org/10.1007/s10826-016-0532-4>
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss, Vol. 1: Attachment*. New York: Basic Books.
- Brenning, K., Soenens, B., Braet, C., & Bosmans, G. (2011). An adaptation of the Experiences in Close Relationships Scale-Revised for use with children and adolescents. *Journal of Social and Personal Relationships*, 28(8), 1048–1072. <https://doi.org/10.1177/026540751402418>
- Brereton, A., & McGlinchey, E. (2020). Self-harm, emotion regulation, and experiential avoidance: A systematic review. *Archives of suicide research*, 24(sup1), 1-24. <https://doi.org/10.1080/1381118.2018.1563575>
- Cassels, M., Baetens, I., Wilkinson, P., Hoppenbrouwers, K., Wiersema, J. R., Van Leeuwen, K., & Kiekens, G. (2019). Attachment and non-suicidal self-injury among young adolescents: The indirect role of behavioral problems. *Archives of suicide research*, 23(4), 688-696. <https://doi.org/10.1080/1381118.2018.1494651>
- Cerutti, R., Zuffianò, A., & Spensieri, V. (2018). The role of difficulty in identifying and describing feelings in non-suicidal self-injury behavior (NSSI): associations with perceived attachment quality, stressful life events, and suicidal ideation. *Frontiers in psychology*, 9, 318. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00318>
- Cooke, A., Smith, D., & Booth, A. (2012). Beyond PICO: the SPIDER tool for qualitative evidence synthesis. *Qualitative health research*, 22(10), 1435–1443. <https://doi.org/10.1177/1049732312452938>
- Cozby, P. C. (2003). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Editora Atlas.
- Dalbem, J. X., & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 57(1), 12–24. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672005000100003&script=sci_abstract

- Dattilio, F. M. (2011). *Manual de terapia cognitivo-comportamental para casais e famílias*. Artmed Editora.
- Dorol, O., & Mishara, B. L. (2021). Systematic review of risk and protective factors for suicidal and self-harm behaviors among children and adolescents involved with cyberbullying. *Preventive medicine*, 152, 106684. <https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2021.106684>
- Farkas, B. F., Takacs, Z. K., Kollarovics, N., & Balazs, J. (2024). The prevalence of self-injury in adolescence: a systematic review and meta-analysis. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 33(10), 3439-3458. <https://doi.org/10.1007/s00787-023-02264-y>
- Fong, Z. H., Loh, W. N. C., Fong, Y. J., Neo, H. L. M., & Chee, T. T. (2022). Parenting behaviors, parenting styles, and non-suicidal self-injury in young people: a systematic review. *Clinical child psychology and psychiatry*, 27(1), 61–81. <https://doi.org/10.1177/13591045211055071>
- Friedberg, R. D. (2006). A cognitive-behavioral approach to family therapy. *Journal of Contemporary Psychotherapy*, 36(4), 159–165. <https://doi.org/10.1007/s10879-006-9020-2>
- Fliege, H., Lee, J. R., Grimm, A., & Klapp, B. F. (2009). Risk factors and correlates of deliberate self-harm behavior: A systematic review. *Journal of psychosomatic research*, 66(6), 477–493. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychores.2008.10.013>
- Gillies, D., Christou, M. A., Dixon, A. C., Featherston, O. J., Rapti, I., Garcia-Anguita, A., ... & Christou, P. A. (2018). Prevalence and characteristics of self-harm in adolescents: meta-analyses of community-based studies 1990–2015. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 57(10), 733-741. <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2018.06.018>
- Glazebrook, K., Townsend, E., & Sayal, K. (2015). The role of attachment style in predicting repetition of adolescent self-harm: A longitudinal study. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 45(6), 664-678. <https://doi.org/10.1111/sltb.12159>

- Goodman, R. (2001). Psychometric properties of the strengths and difficulties questionnaire. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 40(11), 1337–1345. <https://doi.org/10.1097/00004583-200111000-00015>
- Gomes, A. D. A. (2011). A teoria do apego no contexto da produção científica contemporânea [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório Institucional UNESP. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/97442>.
- Guerreiro, D. F., & Sampaio, D. (2013). Comportamentos autolesivos em adolescentes: uma revisão da literatura com foco na investigação em língua portuguesa. *Revista portuguesa de saúde pública*, 31(2), 213–222. <https://doi.org/10.1016/j.rpsp.2013.05.001>
- Gutierrez, P. M., Osman, A., Barrios, F. X., & Kopper, B. A. (2001). Development and initial validation of the self-harm behaviour questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 77(3), 475–490. https://doi.org/10.1207/S15327752JPA7703_08
- Hawton, K., Saunders, K. E., & O'Connor, R. C. (2012). Self-harm and suicide in adolescents. *The Lancet*, 379(9834), 2373–2382. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(12\)60322-5](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(12)60322-5)
- Jiang, Y., You, J., Zheng, X., & Lin, M. P. (2017). The qualities of attachment with significant others and self-compassion protect adolescents from non suicidal self-injury. *School psychology quarterly*, 32(2), 143. <https://doi.org/10.1037/spq0000187>
- Knipe, D., Padmanathan, P., Newton-Howes, G., Chan, L. F., & Kapur, N. (2022). Suicide and self-harm. *The Lancet*, 399(10338), 1903-1916. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(22\)00173-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(22)00173-8)
- Khalid, A., Qadir, F., Chan, S. W., & Schwannauer, M. (2018). Parental bonding and adolescents' depressive and anxious symptoms in Pakistan. *Journal of affective disorders*, 228, 60–67. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2017.11.050>
- Kurock, R., Gruchel, N., Bonanati, S., & Buhl, H. M. (2022). Family climate and social adaptation of adolescents in community samples: A systematic review. *Adolescent Research Review*, 7(4), 551-563. <https://doi.org/10.1007/s40894-022-00189-2>

- Lansford, J. E. (2022). Annual Research Review: Cross-cultural similarities and differences in parenting. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 63(4), 466–479. <https://doi.org/10.1111/jcpp.13539>
- Lee, W. K. (2016). Psychological characteristics of self-harming behavior in Korean adolescents. *Asian journal of psychiatry*, 23, 119-124. <https://doi.org/10.1016/j.ajp.2016.07.013>
- Lim, K. S., Wong, C. H., McIntyre, R. S., Wang, J., Zhang, Z., Tran, B. X., ... & Ho, R. C. (2019). Global lifetime and 12-month prevalence of suicidal behavior, deliberate self-harm and non-suicidal self-injury in children and adolescents between 1989 and 2018: a meta-analysis. *International journal of environmental research and public health*, 16(22), 4581. <https://doi.org/10.3390/ijerph16224581>
- Liu, Y., Xiao, Y., Ran, H., He, X., Jiang, L., Wang, T., ... & Lu, J. (2020). Association between parenting and non-suicidal self-injury among adolescents in Yunnan, China: a cross-sectional survey. *PeerJ*, 8, e10493. <https://doi.org/10.7717/peerj.10493>
- Madjar, N., Walsh, S. D., & Harel-Fisch, Y. (2018). Suicidal ideation and behaviors within the school context: Perceived teacher, peer and parental support. *Psychiatry research*, 269, 185–190. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.08.045>
- Mcevoy, D., Brannigan, R., Cooke, L., Butler, E., Walsh, C., Arensman, E., & Clarke, M. (2023). Risk and protective factors for self-harm in adolescents and young adults: An umbrella review of systematic reviews. *Journal of psychiatric research*, 168, 353-380. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychires.2023.10.017>
- Martin, G., & Waite, S. (1994). Parental bonding and vulnerability to adolescent suicide. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 89(4), 246-254. <https://doi.org/10.1111/j.1600-0447.1994.tb01509.x>
- O'Connor, R. C., Rasmussen, S., Miles, J., & Hawton, K. (2009). Self-harm in adolescents: self-report survey in schools in Scotland. *The British Journal of Psychiatry*, 194(1), 68–72. <https://doi.org/10.1192/bjp.bp.107.047704>

- Parker, G., Tupling, H., Brown, L.B. (1979). A parental bonding instrument. *British journal of medical psychology*, 52(1), 1–10. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8341.1979.tb02487.x>
- Patton, G. C., Hemphill, S. A., Beyers, J. M., Bond, L., Toumbourou, J. W., McMORRIS, B. J., & Catalano, R. F. (2007). Pubertal stage and deliberate self-harm in adolescents. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 46(4), 508–514. <https://doi.org/10.1097/chi.0b013e31803065c7>
- Reis, M., Tomé, G., Ramiro, L., Gaspar, S., & Matos, M. G. (2020). Understanding risk factors associated with self-harm behavior in adolescents-HBSC. *International Journal of Education Humanities and Social Science*, 3(1), 79-92.
- Peters, M. D., Marnie, C., Tricco, A. C., Pollock, D., Munn, Z., Alexander, L., McInerney, P., Godfrey, C. M., & Khalil, H. (2020). Updated methodological guidance for the conduct of scoping reviews. *JBI evidence synthesis*, 18(10), 2119-2126. <https://doi.org/10.11124/JBIES-20-00167>
- Roberts, E., Joinson, C., Gunnell, D., Fraser, A., & Mars, B. (2020). Pubertal timing and self-harm: a prospective cohort analysis of males and females. *Epidemiology and psychiatric sciences*, 29, e170. <https://doi.org/10.1017/S2045796020000839>
- Santangelo, P. S., Koenig, J., Funke, V., Parzer, P., Resch, F., Ebner-Priemer, U. W., & Kaess, M. (2017). Ecological momentary assessment of affective and interpersonal instability in adolescent non-suicidal self-injury. *Journal of abnormal child psychology*, 45, 1429-1438. <https://doi.org/10.1007/s10802-016-0249-2>
- Sampaio, I. T. A., & Vieira, M. L. (2010). A influência do gênero e ordem de nascimento sobre as práticas educativas parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23, 198–207. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000200002>
- Santens, T., Claes, L., Diamond, G. S., & Bosmans, G. (2018). Depressive symptoms and self-harm among youngsters referred to child welfare: the role of trust in caregiver support and communication. *Child abuse & neglect*, 77, 155–167. <https://doi.org/10.1016/j.chab.2018.01.001>

- Shaughnessy, J. J., Zechmeister, E. B., & Zechmeister, J. S. (2012). Metodologia de pesquisa em psicologia. AMGH Editora.
- Tao, Y., Bi, X. Y., & Deng, M. (2020). The impact of parent–child attachment on self-injury behavior: negative emotion and emotional coping style as serial mediators. *Frontiers in psychology*, 11, 1477. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01477>
- Tatnell, R., Hasking, P., Newman, L., Taffe, J., & Martin, G. (2016). Attachment, emotion regulation, childhood abuse and assault: examining predictors of NSSI among adolescents. *Archives of suicide research*, 21(4), 610-620. <https://doi.org/10.1080/13811118.2016.1246267>
- Tatnell, R., Kelada, L., Hasking, P., & Martin, G. (2013). Longitudinal analysis of adolescent NSSI: The role of intrapersonal and interpersonal factors. *Journal of abnormal child psychology*, 42, 885-896. <https://doi.org/10.1007/s10802-013-9837-6>
- Target, M., Fonagy, P., & Shmueli-Goetz, Y. (2003). Attachment representations in school-age children: The development of the Child Attachment Interview (CAI). *Journal of child psychotherapy*, 29(2), 171–186. <https://doi.org/10.1080/0075417031000138433>
- Victor, S. E., Hipwell, A. E., Stepp, S. D., & Scott, L. N. (2019). Parent and peer relationships as longitudinal predictors of adolescent non-suicidal self-injury onset. *Child and adolescent psychiatry and mental health*, 13(1), 1-13. <https://doi.org/10.1186/s13034-018-0261-0>
- Wang, Y., Zhang, M., & Chen, H. (2019). Self-Injury Among Left-Behind Adolescents in Rural China: The Role of Parental Migration and Parent–Child Attachment. *Frontiers in psychology*, 9, 2672. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.02672>
- Wichstrøm, L. (2009). Predictors of non-suicidal self-injury versus attempted suicide: similar or different?. *Archives of Suicide Research*, 13(2), 105-122. <https://doi.org/10.1080/1381110902834992>

- Wilhelm, P., & Schoebi, D. (2007). Assessing mood in daily life: structural validity, sensitivity to change, and reliability of a short-scale to measure three basic dimensions of mood. *European Journal of Psychological Assessment*, 23, 258–267. <https://doi.org/10.1027/1015-5759.23.4.258>
- Williams, A. J., Jones, C., Arcelus, J., Townsend, E., Lazaridou, A., & Michail, M. (2021). A systematic review and meta-analysis of victimisation and mental health prevalence among LGBTQ+ young people with experiences of self-harm and suicide. *PloS one*, 16(1), e0245268. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0245268>
- Wong, T. K., Konishi, C., & Kong, X. (2021). Parenting and prosocial behaviors: A meta-analysis. *Social Development*, 30(2), 343-373. <https://doi.org/10.1111/sode.12481>
- Woo, J., Wrath, A. J., & Adams, G. C. (2020). The relationship between attachment and self-injurious behaviors in the child and adolescent population: a systematic review of the literature. *Archives of suicide research*, 26(2), 406-427. <https://doi.org/10.1080/13811118.2020.1804024>
- World Health Organization. (2020, 19 de outubro). *Adolescent health and development* [Question & answer]*. <https://www.who.int/news-room/questions-and-answers/item/adolescent-health-and-development>
- World Health Organization. (2025). *Suicide worldwide in 2021: global health estimates*. World Health Organization.
- World Health Organization. (2023). *Global Accelerated Action for the Health of Adolescents (AA-HA!): guidance to support country implementation*. World Health Organization.

Recebido em 13/07/2023

Aceito em 28/11/2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.